

DOU GRAÇAS A DEUS E DECLARO ABERTA AO TRÁFEGO E AO SERVIÇO DA NAÇÃO A PONTE SALAZAR

—PALAVRAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

NO "MOMENTO CULMINANTE DA SOLENÍSSIMA INAUGURAÇÃO"

BRILHO E GRANDIOSIDADE NAS CERIMÓNIAS NA PRAÇA DA PORTAGEM

Quando o dia amanheceu, o céu claro, a mancha vermelho-fogo do Sol anunciando a festividade da luz, a enorme Praça da Portagem não estava vazia. 56 as tribunas, as três tribunas especialmente montadas, uma ao centro, as outras duas aos lados, as cadeiras dispostas em escadaria, estavam desertas. Mas em volta havia ainda uma lufalufa. E dizemos ainda porque as últimas horas foram febris, uma asfuma permanente. Muitos

vam muitas dezenas de pessoas, já em redor reluziam os pendões dos estandartes. Lá no alto, circundando o morro onde se ergue o monumento de Cristo-Rei, o povo das regiões vizinhas começava a formar espesso cordão. Morro abaixo, tal como no monte sobranceiro, de mastros brancos pendiam flamulas com as cores nacionais.

Como que formando guarda de honra à tribuna principal, operários que

trabalharam na construção da ponte, a cabeça coberta com capacetes metálicos de várias cores, alinhavam-se em duas alas, à esquerda e à direita. O movimento adensava-se, cruzavam-se personalidades, havia sorrisos, palavras de rendida admiração. Era um mar de gente, um vozear, sempre cada vez maior, sempre cada vez mais alto. Helicópteros sobrevoavam a praça, distraindo os olhares nas suas evoluções, enquanto na passerada entre as torres sul, a muitos metros de altura, alguns operários assistiam ao espectáculo daquela multidão que ali estava para testemunhar o acto solene da abertura da ponte.

Aplausos descem pelo morro...

Vozes de comando. A guarda de honra apresenta armas. O Chefe do Estado perfila-se diante da bandeira nacional e a banda executa «A Portuguesa», enquanto no forte de Almada uma bateria dá os 21 tiros da ordenança em salvas compassadas. Lá longe, sobre o rio, sobe um foguete que estoura e deixa um rasto de fumo. E mais foguetes e morteiros rebentam nas alturas, anunciando o começo da cerimónia.

Uma mole humana contorna o monumento de Cristo-Rei. E quando o Chefe do Estado se encaminha para o plinto, de onde assistirá ao desfile da guarda de honra, descem pelo morro os aplausos vibrantes e os gritos do povo e nas tribunas, levantando-se, os convidados envolvem o Presidente da República numa quente manifestação de simpatia, a que o almirante Américo Thomaz corresponde, saudando.

As ordens do capitão-tenente Loureiro Barbosa, a guarda de honra desfila. A fanfara, as barras metálicas dos tambores e as grandes campanulas dos contra-baixos resplandecendo ao sol, abre a marcha, e as tropas, fazendo continência, passam com garbo, os pára-queidistas, como sempre, provocando aplausos.

(Continua na 9.ª página)



O Chefe do Estado e todo o Governo no decorrer das cerimónias

O "Diário de Notícias" ouviu os membros do Governo

CONSELHO DE MINISTROS NA PONTE SALAZAR

Foi uma autêntica reunião do Conselho de Ministros. Ninguém faltou. O Governo esteve todo reunido na Ponte Salazar. Momentos antes de se iniciar a cerimónia os nossos redactores registaram as palavras dos ministros.

Mota Veiga (Estado): Símbolo maior das virtualidades do regime

«A ponte ficará como o símbolo maior das virtualidades do regime e da capacidade realizadora dos portugueses.»



Gomes de Araujo (Defesa): Digna da era em que vivemos

«As comunicações de transporte correspondem para os países o mesmo que para o homem o seu sistema circulatório. A ponte sobre o Tejo, ligando o Norte ao Sul do País, eliminará todas as dificuldades existentes na nossa circulação neste sector, mercê de uma iniciativa impressionantemente arrojada do Governo. É uma obra realmente digna da era em que vivemos e que se deve inteiramente ao chefe que administra o País: Salazar.»



Ulisses Cortês (Finanças): Expressivo padrão

«Pela sua dimensão europeia, pelo seu nível técnico e pela sua utilidade económica, a ponte sobre o Tejo constituirá o mais expressivo padrão a testemunhar e perpetuar o esforço de resurgimento nacional.»



Correia de Oliveira (Economia): O querer de um povo

«A ponte, que tem o cumprimento de 40 anos vividos a bem da Nação, é Portugal que, por ordem do seu destino histórico, mais uma vez decidiu construir um presente e lançar os alicerces de um futuro maior, para serviço de um só Deus, de uma Pátria só e os homens de todos os mundos.»



Luz Cunha (Exército): A utopia da nossa juventude

«Desde sempre ouvi fazer referências à realização de uma ponte sobre o Tejo em Lisboa como se fosse uma utopia. Hoje vamos inaugurar a utopia da nossa juventude. Considero uma obra extraordinária que marca uma época na história do País e terá, sem dúvida, importância fundamental no seu desenvolvimento.»



Carlos Ribeiro (Comunicações): Nova durante meio século e útil mais de um século

«Estamos a inaugurar uma ponte que será uma ponte nova durante meio século e útil mais de um século.»



Santos Júnior (Interior): Acontecimento mundial

«A inauguração da ponte pode considerar-se um acontecimento mundial e a prova mais evidente da nossa capacidade de realização.»



Antunes Varela (Justiça): Marca um século na vida nacional

«É uma obra extraordinária sob o ponto de vista político, económico e social. Marca um século na vida nacional.»



Mendonça Dias (Marinha): Coroa de glória para o Presidente do Conselho

«É mais uma coroa de glória para o Presidente do Conselho, que é o artífice de toda esta grandeza que desfrutamos.»



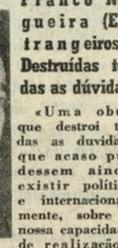
Gonçalves Proença (Corporações): Consagração de uma política e do esforço de toda a comunidade

«Para além do triunfo da técnica e consagração da capacidade de realização de um povo em momento particularmente significativo da sua história, a ponte representa a consagração de um sonho de muitas gerações, levada a efeito pela nossa geração, mercê do seu trabalho, da sua decisão e da sua competência. Ela representa, também, a consagração de uma política e do esforço de toda a comunidade, posto em destaque o elevado apuro dos nossos técnicos e dos nossos trabalhadores ao serviço dos superiores interesses nacionais que a ponte se destina também a servir, ligando mais fortemente a sua economia e mais unido o nosso país.»



Franco Noqueira (Estrangeiros): Destruídas todas as dúvidas

«Uma obra que destrói todas as dúvidas, que acosa pudessem ainda existir política e internacionalmente, sobre a nossa capacidade de realização.»



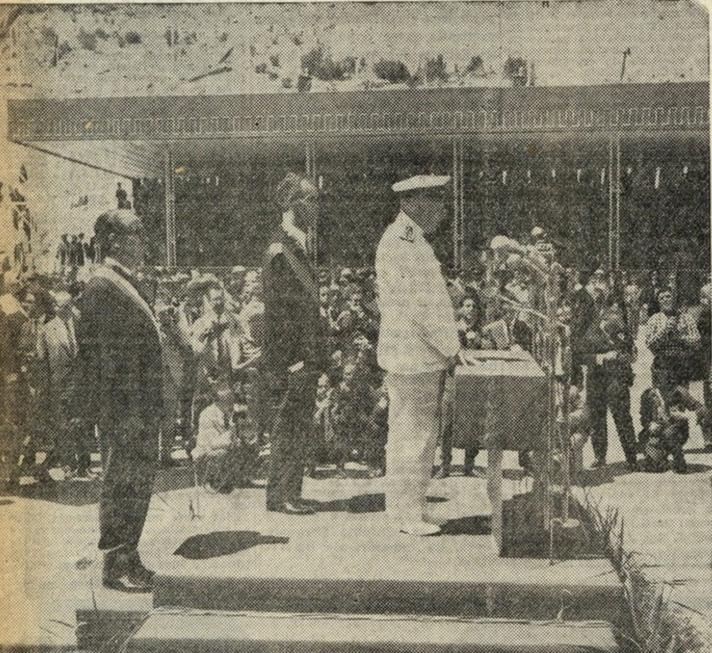
Silva Cunha (Ultramar): Aspiração considerada irrealizável

«A ponte sobre o Tejo foi durante muito tempo uma aspiração considerada irrealizável por falta de capacidade técnica e de meios financeiros. A sua inauguração, integrada no ciclo das comemorações do 40.º Aniversário da Revolução Nacional, fica assim como símbolo das virtualidades do Regime que a tornou possível.»



Neto de Carvalho (Saúde e Assistência): Obra gigantesca

«Obra gigantesca, medida de todas as nossas aspirações.»



Momento culminante: o Presidente da República declara aberta ao tráfego a Ponte Salazar

operários ultimavam os preparativos para a grande cerimónia.

Tinha chegado o momento da inauguração. Aquela ponte, cujas torres colossais arduavam a manhã, estava a um passo de transformar em realidade de um sonho de um século. A tarefa de menos de quatro anos, tarefa gigantesca de dezenas de engenheiros e milhares de operários, estava concluída. Também os artifices da obra se orgulham da ponte, e por isso os operários, embora extenuados, davam-se ao trabalho com alegria. A cerimónia da inauguração tinha de estar ao nível da obra.

Um mar de gente

Muito cedo, necessariamente, começou, de um e do outro lado do rio, o movimento de automóveis e de autocarros transportando os convidados. Ainda antes das oito horas já abarrotavam os parques, já nas tribunas, comentando, trocando impressões, esta-

A cerimónia pode começar

Com o aproximar das nove horas, a maioria dos dez mil convidados ocupava as tribunas cobertas e sombreadas no terreno que continuava as tribunas laterais. Membros do Governo, antigos ministros, o Corpo Diplomático, os membros da Comissão Exe-

Quando a expectativa cresceu

Seguiram-se uns momentos de espera ao longo dos quais a expectativa cresceu. No corpo mais avançado da tribuna principal, uma espécie de átrio, os membros do Governo conversavam. Sobre uma mesa, as caixas contendo as condecorações e as medalhas que iam ser entregues. A direita, junto do cadeiral especial que lhe estava reservado, o cardeal-patriarca de Lisboa iluminava com a sua presença. Faziam-lhe companhia o arcebispo de Milene, monsenhores D. João de Castro e Honorato Monteiro, o beneficiado Eugénio dos Santos e o cônego Gonçalves Pedro. Os acolitos da Sé de Lisboa depunham sobre uma mesa, com extremos cuidados, os paramentos.

Era mais suave a música transmitida pela aparelhagem de som. Munições de aparelhos portáteis, soldados recebiam ordens, davam informações. A força militar e os demais elementos da guarda de honra descansavam armas. A hora marcada para o início das cerimónias aproximava-se.

Às dez e meia em ponto...

Ouvem-se os primeiros aplausos da manhã. O Presidente do Conselho sai do automóvel, que se detém diante da tribuna. Olha em volta, baixa ligeiramente a cabeça num agradecimento, recebe os cumprimentos e dirige-se para o seu lugar, onde o saudam os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça e os membros do Governo. Passados momentos, vindo do extremo da tribuna, o sr. D. Duarte Nuno de Bragança apresenta também cumprimentos ao prof. Oliveira Salazar, com quem troca algumas palavras, depois do que faz uma vénia e retira-se.

Uns instantes mais e pela aparelhagem de som anuncia-se que o Chefe do Estado tinha acabado de entrar, pelo lado sul, na auto-estrada de acesso à ponte. Consultam-se os relógios. Faltam dois minutos exactos para as dez e meia. O Presidente da República está a dois quilómetros da Praça da Portagem. Não tarda que se ouça o roncar das motos dos batedores, precedendo o carro presidencial. As

Espectáculo magnífico pelo significado, pela cor e pela vibração de orgulho patriótico o que ontem de manhã se desenrolou na margem sul do Tejo, ao ser inaugurada pelo Chefe do Estado a Ponte Salazar, obra cimeira da engenharia com que a Nação há tanto sonhava. Sôbria e digna, mas animada por um fervor que empolgou os próprios convidados estrangeiros, muito dos quais não dissimulavam a sua emoção, a cerimónia, admiravelmente organizada em todos os seus pormenores, teve a grandeza correspondente ao alto acontecimento histórico que consagrava.

O cenário dificilmente se poderia imaginar mais deslumbrante. Na imensa praça da portagem, aberta no calcário amarelo do morro sobrepujado pelo monumento a Cristo-Rei, as vastas tribunas para as entidades oficiais e os convidados punham uma nota festiva de cor vermelha que se prolongava pelas encostas em grande número de galhardetes verde-rubros. Ao fundo, as colinas de Lisboa recortando-se no azul puríssimo dum céu de Agosto, com a teia gracil da ponte em primeiro plano.

O coral da «Alcúbia», de Handel, as palavras comovidas dos oradores, os cânticos litúrgicos que acompanharam a bênção pelo Cardeal-Patriarca conspuraram um ambiente sonoro de crescente intensidade, que atingiu o ponto culminante no momento em que o Chefe do Estado, premoindo um botão eléctrico, fez descer as bandeiras nacionais que cobriam as quatro lápidas colocadas nas extremidades da ponte. Nesse momento subiu do rio o silvo das serenas, ao mesmo tempo que estratejavam os foguetes e que o ar ar agitado pelas asas de milhares de bombos que subiam no espaço em grandes rovoadas por cima das tribunas.

Foi um instante de grande emoção esse em que o Chefe do Estado anunciava a abertura ao trânsito da mais importante obra pública até hoje realizada no nosso país, empreendimento de extraordinária envergadura que ficará legado precioso para as gerações vindouras. Mas, acima de tudo, a cerimónia inaugural de ontem foi uma homenagem e uma apoteose — homenagem aos engenheiros e operários que realizaram essa obra grandiosa; apoteose do estadista que a tornou possível e que, tendo consagrado a melhor parte da sua vida à Pátria, vê agora o seu nome perpetuado numa criação que faz o orgulho de Portugal.

O cenário dificilmente se poderia imaginar mais deslumbrante. Na imensa praça da portagem, aberta no calcário amarelo do morro sobrepujado pelo monumento a Cristo-Rei, as vastas tribunas para as entidades oficiais e os convidados punham uma nota festiva de cor vermelha que se prolongava pelas encostas em grande número de galhardetes verde-rubros. Ao fundo, as colinas de Lisboa recortando-se no azul puríssimo dum céu de Agosto, com a teia gracil da ponte em primeiro plano.

Foi um instante de grande emoção esse em que o Chefe do Estado anunciava a abertura ao trânsito da mais importante obra pública até hoje realizada no nosso país, empreendimento de extraordinária envergadura que ficará legado precioso para as gerações vindouras. Mas, acima de tudo, a cerimónia inaugural de ontem foi uma homenagem e uma apoteose — homenagem aos engenheiros e operários que realizaram essa obra grandiosa; apoteose do estadista que a tornou possível e que, tendo consagrado a melhor parte da sua vida à Pátria, vê agora o seu nome perpetuado numa criação que faz o orgulho de Portugal.



SALAZAR NA PONTE

NA LÁPIDA DA PONTE SALAZAR

«ESFORÇO DA GERAÇÃO PRESENTE, HOMENAGEM AS GERAÇÕES QUE A PRECEDERAM E MENSAGEM DE CONFIANÇA AS GERAÇÕES VINDOURAS.»

A lápida colocada junto ao pilar da Avenida da Índia tem a seguinte inscrição:

«A Ponte Salazar foi inaugurada em 6 de Agosto de 1966 pelo Presidente da República contra-almirante Américo Thomaz, sendo Presidente do Conselho o Doutor António de Oliveira Salazar e ministro das Obras Públicas o engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira. Lançou a bênção à obra o Cardeal-Patriarca de Lisboa. Estiveram presentes na cerimónia inaugural o Presidente do Conselho de Ministros, acompanhado de todos os membros do Governo, os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça, os membros do Corpo Diplomático, altas individualidades civis e militares, os técnicos e operários que realizaram a obra e o povo português, representado por grande multidão de todas as categorias sociais. Realização do Ministério das Obras Públicas, esta obra, compreendendo os acessos rodoviários nas duas margens, foi iniciada no dia 5 de Novembro de 1962, tendo o planeamento geral, condução e fiscalização estado a cargo do Gabinete da Ponte sobre o Tejo, sob a direcção do engenheiro José do Canto Moniz. Na construção desta ponte — a maior da Europa — e dos seus acessos foram escavados seis milhões e meio de metros cúbicos de rocha e solos, fabricados e montados trezentos mil metros cúbicos de betão, fabricados e montados oitenta e duas mil toneladas de peças de aço. Chegaram a trabalhar, simultaneamente, na obra cerca de três mil operários portugueses. Deram as suas vidas na execução deste empreendimento quatro operários: José da Silva, Jorge Germano Ribeiro, Tutes dos Anjos Serra e Fernando Sampaio Dias Oliveira.

Esforço da geração presente, homenagem às gerações que a precederam e mensagem de confiança às gerações vindouras.»

VER DOCUMENTARIO GRAFICO NA PAGINA 17